

# “Falta empenho dos políticos”

SÔNIA ARARIPE

Já puseram o guiso no gato, mas falta caçar o gato. É assim que o economista José Alexandre Scheinkman, chefe do Departamento de Economia da Universidade de Chicago, 48 anos, classifica a situação econômica brasileira. A imagem é usada para definir o principal problema econômico, na sua opinião, o déficit fiscal. “A equipe econômica está consciente de que esse é o grande ponto a ser atacado. Está agindo corretamente. Mas falta mais empenho dos políticos para pôr um ponto final nessa caçada”, diz o economista carioca que desde 1973 trabalha e dá aulas nos Estados Unidos. Scheinkman é um grande especialista em análise de risco de operações financeiras com a ajuda de computadores. Além das aulas em Chicago, dá consultoria para bancos brasileiros, como o Garantia, e outros nos EUA e Europa. O economista diz que apesar dos namoros não pretende voltar agora para trabalhar em um banco brasileiro. Hoje à tarde, quando traçar um cenário de longo prazo para o país, como um dos principais conferencistas da 8ª Assembléia Geral da Federação Interamericana de Cimento, no Hotel Sheraton do Rio de Janeiro, José Alexandre, como gosta de ser chamado, terá um ouvinte especial: Pedro Malan, seu amigo desde a época em que o ministro da Fazenda estudava e trabalhava também nos EUA. Quando os organizadores do evento dão a notícia, Scheinkman fica encabulado. A pele branquíssima muda rápido de tom para o vermelho, mostrando que ele ainda não se acostumou com o status de estrela. “Não vale. Malan é meu amigo”. A palestra mostrará sua preocupação com as questões sociais e com o futuro do país. “Fico assustado com os indicadores atuais e as perspectivas de longo prazo. Temos poucas crianças na escola primária, ainda menos no Segundo Grau. Isso tudo explodirá logo à frente”. A seguir, a entrevista ao **JORNAL DO BRASIL**, entremeada por exclamações de amor ao Rio. “Como essa cidade é linda!”

“ O problema básico do Brasil é reorganizar o lado fiscal. É difícil, mas já há consenso”



Michel Filho

— O senhor está voltando para o Brasil? Comenta-se no mercado financeiro que o senhor recebeu pelo menos dois convites irrecusáveis de bancos de investimento.

— Não é verdade. Nem convite formal tive. O que houve é que algumas pessoas me sondaram. Mas nem posso dizer que foram convites. Não dá para voltar ao Brasil. Primeiro por conta da família. Estamos adaptados, minha mulher é psicóloga, tem o trabalho dela lá e meu filho de 17 anos já está terminando o científico. Outra razão relevante é que o tipo de pesquisa que faço em Chicago praticamente só é incentivada nos Estados Unidos. Sou pago para pensar em questões bastante abstratas de economia. Um exemplo é uma pesquisa desenvolvida nos últimos três anos sobre criminalidade em cidades americanas de mais de 25 mil habitantes.

— E não haveria espaço para esse tipo de trabalho no Brasil? O senhor tem outro tipo de atividade muito bem remunerada por bancos, o trabalho de controle de risco. Não daria para conciliar?

— Hoje já trabalho para vários bancos brasileiros e de fora. Mas não dá para voltar agora. O tipo de pesquisa que desenvolvo lá dificilmente poderia ser financiada aqui. Ainda tenho muita paixão por estudar esses assuntos. E é por isso que muita gente vai para os EUA. Hoje, no meu departamento, na Universidade de Chicago, sou o único professor titular estrangeiro. Mas temos uma oferta para um professor titular fran-

cês e entre os assistentes há um sueco, um argentino, um turco, um hindu, uma chinesa e uma grega. É uma verdadeira Babel, a ONU (Organizações das Nações Unidas) inteira.

— Professor, há quantos anos o senhor foi para Chicago?

— Cheguei em Chicago em 1973. Mas em 1978 e 1979 eu tentei voltar para o Brasil. Não deu certo.

— E como o senhor está avaliando a situação da economia brasileira? Os últimos números da balança comercial são ruins. O PIB de 1995 mostrou um crescimento de 4,2%. Mas o comportamento dos setores foi muito desigual. Tem empresas com perdas grandes, o desemprego preocupa. Qual a sua avaliação?

— Como a teoria econômica não muda tanto, minha resposta será bem parecida com a que tenho dados nos últimos anos. O problema básico do Brasil é reorganizar o lado fiscal. Felizmente já existe um consenso de que é assim. Na época do Cruzado falava-se que a inflação não tinha relação alguma com o problema fiscal. Outros alertavam, como meu amigo economista Thomar Sargent, de Chicago. Finalmente, colocaram o guiso no gato. Mas falta caçá-lo. É um problema político. Não é fácil em nenhum país do mundo. Veja os EUA. É impossível discutir a questão da Previdência Social. A eleição hoje tem como principal discussão isso. A coisa mais séria que já foi obtida é que será criada uma comissão para estudar o assunto.